

A CHRYSALLIDA

Orgam do Gremio Lyceista Olavo Bilac

REDACTOR CHEFE:--Martins de Oliveira

COLLABORADORES:--Diversos

N. 12

Cuyabá, 15 de Outubro de 1926

ANNO I

Poconé

E' assim chamado um pedaço deste grande e opulento Estado de Matto Grosso, em cujo solo ubérrimo a mão da natureza não só atirou aquillo que ha de mais selecto na flora e fauna brasileiras, como tambem espalhou o iman que para estas risonhas paragens attraiu os destemidos bandeirantes que vieram semeando arraiaes em todos os recantos das terras ignotas por elles palmilhadas.

Vamos escrever algo sobre uma das filhas dos bandeirantes, —dessa gente forte a quem Matto-Grosso deve o desbravamento dos seus sertões fecundos e, portanto, os primordios da sua civilização — a qual se ergue modestamente nas virentes plagas, onde outr'ora sibilavam as flechas e estrepitava a voz sadia dos indios da tribo Beri-Poconé.

A sua denominação — Poconé — que conserva com orgulho, porque ella além de ser genuinamente brasileira é ainda uma reliquia do seu passado, herda do nome da tribo indigena que habitava aquella parte do Brasil, na occasião que para lá affuem os aventureiros ousados que daqui partiam em busca de novas jazidas do ouro, mergulhado no sub solo mattogrossense.

Poconé acha-se regularmente edificada numa zona solida e salubre, notando-se que a sua construcção se affasta da técnica precisa, porem, esse defeito é aliás, a característica de

todas as nossas cidades, (ainda não completamente remodeladas) cuja fundação remonte á epoca dos bandeirantes, porque estes improvisavam as suas choupanas sem collocal-as num alinhamento que mais tarde pudesse facilitar a transformação dos povoados d'antanho em cidades de feicção moderna.

Entretantó, Poconé, embora lute pelo seu desenvolvimento quasi que exclusivamente com suas proprias forças, não é, como pensam alguns individuos um villarejo inhóspito, retrogado e sem nenhuma scentelha de vida e de progresso.

Na verdade, Poconé não está na altura de ser comparada com o palacio, onde brilham adornos e habita o capitalista abastado, mas, tambem não merece ser taxada de uma cidade em ruinas.

Podemos assim dizer, porque lá, servindo de tecto a uma molecula do povo brasileiro, vemos uma cidade modesta e honrada que nos faz lembrar a morada hospitaleira, na qual se abriga o camponez laborioso que, rasgando o seio das mattas e cultivando solo, vive harmoniosamente com sua familia e sempre prompto para dar guarida ao viajante faminto que vai bater ás portas do seu humilde casebre.

Poconé ostenta-se como uma donzella pobre, que se sujeita ás durezas da sorte, porem, não vende a sua castidade para com o fructo dessa infamia procurar as delicias mendaces da vida.

Poconé, como a donzella honesta, contenta-se com as vestes que a Natureza lhe deu e espera firmemente, os melhores

dias que, sem duvida alguma, lhe surgem no fim de cada etapa vencida na senda da evolução.

A cidade ainda é pobre, porem, a riqueza natural do municipio constitue a fonte, donde pode jorrar por sobre Poconé o necessario para uma prosperidade, cujos raios se projectam em todos os sentidos.

(Continúa)

Bonifacio Cunha

Scenas de crise

Era noite. Nuvens encobriam no céu a lua e as estrellas; ouviam-se de vez em quando os roncões ameaçadores dos trovões, um temporal se annunciava.

Eu seguia apressado, por uma rua mal illuminada; ia em busca de abrigo, fugindo ás bategas d'agua que estavam prestes a cahir.

Não era medo da chuva e de um resfriado, mas da alta hora da noite.

Eu me apressava pois, fugindo da chuva que se preparava para alagar a terra. Nesse momento, vejo ao longe, sob a luz baça de um solitario lampeão de gaz, passar ligeira uma graciosa sombra femenina.

O meu espirito aventureiro despertou-se, e o vulto encançou-me. Fui-lhe ao encontro.

Foi uma verdadeira corrida pelas ruas em penumbra, ás horas caladas da noite, sob as ameaças constantes da chuva e

os olhares vigilantes dos guardas nocturnos.

Sempre gostei de aventuras e deste genero que delicia.

Vêr ao longe uma sombra graciosa de mulher que se julga bonita, perseguil-a, alcançal-a, descobrir o desconhecido e desde que ella seja verdadeiramente bella... Eu pensava em tudo isso, seguindo o vulto mysterioso, esquecido já das ameaças dos trovões.

A graciosa sombra vava na minha vista.

Eu a acompanhava sempre.

Já pensava no que lhe havia de dizer; havia de gabar os seus olhos azues, os seus dentes alvos como a camisa que eu estava devendo a engomadeira.

A distancia que me separava da sombra ideal se encurtava; eu nhava sempre na sua direcção atrahido, levado.

Grossos pingos de chuva começavam a cahir; o vulto gentil atordoado apressou-se; apressei-me ainda mais.

Alcincei a Ia, afinal conhecel-a, bella como a julgava.

A chuva cahia. Revesti-me de coragem e lhe disse.

Não posso permittir que este temporal despetale tão linda flôr.

Quererá um automovel?

Ella voltou-se! Horror!!!

Era a minha feia engomadeira, a quem eu devia 15\$000.

Lara Pinto

o talisman

Conto de João L. P. Netto.

Isto foi a muito tempo...

Depois deste facto, ja por muitos centenares de vezes, a terra effectou o seu movimento completo ao redor do Sol... Nesse tempo, as fadas e os sylphos ainda andavam sobre a terra; as bruxas ainda cavalgavam cabos de vassoura nas suas reuniões de sabbado; bellos principes salvavam ainda donzellas prisioneiras, guardadas por horrendos dragões, e menestreis cantavam nos seus alaúdes as heroicas proezas dos christãos na Terra Santa, e a legenda do S. Graal.

Muitos annos já se passaram depois disso...

No extremo meridional da Normandia, erguia-se sobre uma collina, e rodeado de fossos, o soberbo castello do Barão de La Tremoille, senhor de todas as terras de 20 leguas de redor e de 3.000 homens de armas, o seu thesouro é incalculavel; mas, apezar de tanto poder e riqueza, o Barão é triste...

O que lhe succedera?

Qual era a causa da sua tristeza?

E' que trez annos antes a sua unica filha havia sido raptada por um terrivel feiticeiro, e encerrada numa torre inexpugnavel; e elle dizia que só ella sahiria d'alli quando lhe apresentassem o mais valioso talisman existente no mundo, e com o qual se obtem todas as cousas; o que é impossivel, ja se vê...

Emissarios foram enviados a todas partes do mundo á procura do talisman.

Uns varejaram a Africa tenebrosa, Persia e as desconhecidas regiões da China; e não o encontraram, outros em poderosos barcos atravessaram os mares tempestuosos em demanda das terras da Atlantida, e esses nunca mais voltaram..

E a pobre princeza, prisioneira... Todas as esperanças já estavam perdidas, quando por um bello dia de primavera surge deante do barão um desconhecido que lhe diz ter achado o talisman. Como?—diz o barão—tens o talisman? Então, corre ao feiticeiro e apresenta-o a elle

Terás então a mão da minha filha. Sim, diz o desconhecido, mas, primeiramente quero que vessa alteza dê-me o dinheiro necessario para compral-o

Vá ao meu thesouro e tire de lá quanto quizer! diz lhe o Barão...

O outro de posse do dinheiro vae ao castello do feiticeiro chega a sua presença. Prompto!

Els-me aqui com o talisman.

Dê-me agora a princeza!

E apresenta a elle uma bolsa cheia de moedas de ouro

O feiticeiro pretende oppor lhe objeção, mas, o outro lhe mostra que com o dinheiro se consegue tudo o que se deseja, e que sendo assim, é elle o talisman pedido.

O feiticeiro, vencido e desa-

pontado, entrega-lhe a prisioneira... E no outro dia, enquanto os nobres e o povo correm para a planicie fronteira ao castello de La Tremoille, onde se realiza imponente torneio em honra aos esponsaes da princeza com o seu salvador, o feiticeiro no seu castello, pensa. Com mil milhões de diabos!

Perdi com a empreitada. E eu não pensei nisso? Eu, um sabido...E' o dinheiro: com os demónios! Por S Graal! pelas botas de Carlos Magno! morbleu!

Riscas apologeticas

Que a intellectualidade lyceana transpoz as abruptas muralhas que a obstavam, escoando-se pelas arterias da imprensa cuyabana, não faz muito tempo.

Como jazigo de "idéas que se concebem, esperanças que se formam, sonhos que nascem occultos nos casulos dos corações", eil-a pedindo ignuarias para o seu bom prato e appetite geral. "A Chrysallida" applaude a estudante. Porém, enquanto o corpo de redacção grangeia petiscos, X, exímio escriptor, se bem que impopular em virtude de sua escassa modestia, incumbe-se do tempero. Da prodigalidade de artigos literarios com que X soe exorar as paginas de ouro da "A Chrysallida", resalta uma feira preciosa de sonhos attraheutes e emocionantes, de cuja leitura, aos neophytos, já se torna recommendavel, pelo escrever castigo e extreme de seu raro estylo, o que o dará com os costados no melhor cenaculo de letras. Ninguem o rivaliza nessa tempera. Creio nelle um portento, ou melhor um prodigio da natureza, com a qual, como nenhum outro, elle está em intima relação, e segundo affirmação sua, chega a empossar-se della, não raras vezes, maxime dormindo.

Certa noite, quando X recuperava as perdas diurnas, sonhou tanto, que até cahiu sem o perceber, ao menos; rolou e foi collocar-se exactamente embaixo da cama sobre a qual dormia. De subito elle desperta; e que panico; solta tremendo grito, para o qual accorre sua familia

Lingua Portugueza

*Ultima flôr do Lacio, inculta e bella
E's, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mma entre os cascalhos vela...*

*Amo te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lyra singela,
Que tens o trom e o silvo da procella,
E o arrollo da saudade e da ternura!*

*Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,*

*Em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou no exilio amargo,
O genio sem ventura e o amor sem brilho!*

Glavo Bilac

Modorra

*Sonho!... uma indefinivel anciedade
Envolve o roseo manto dos meus sonhos;
Com i deleveis traços, a saudade
Desenha em minha face os ais tristonhos.*

*Agonizam correndo á immensidade,
Do bronze os dobres lantos e emfadhinhos,
Espalha-se uma doce suavidade,
Do amplo ambiente, nos calidos enfronhos.*

*E nada! nem a voz das harmonias
Implanta-me a alegria dissipada
Como cores de rosa desbotada.*

*Cahidas illusões que, como as flôres
No torrado jardim dos meus amores,
Feneeceram do sol nas calmarias!*

Celso d'Oliveira.

que o encontra a empurrar a parte inferior da cama; oh que engano! X pensara que o telhado cahira sobre elle. Vêde, leitores, quanto lhe custa levar a "A Chrysalida" esses sonhos pathologicos. X é, alem de meditabundo sonhador, um bom biographo, cuja publicação já serviu de tempero a "A Chrysalida".

Quando elle dá á lume um lavor (que elle sonhou accordado), fecha-o com uma locução peregrina, quiçá para dar mais emphase, ou melhor diferir de seu assumpto predilecto. Sem controversia, não se faz mister encarecer mais a sua personagem, outrosim, ozalá X não se resinta da linguagem com que venho de expressar o exito de suas primevas incursões na imprensa jornalística.

Borges

Comprei—cordas para tumulo—
na casa de ALCIBIADES CALAÁO, por
preços excepçionaes. Possue sortimento.

Aos estudantes pobres

Não tenhais medo de penetrar nos mysterios de uma morada miseravel!

Esmagae os gemidos arrancados do vosso coração, enguli os vossos suspiros e soluços, como o infeliz Caio Mario sobre as ruinas de Carthago.

Ide realizar o bello ideal, que lestes no vosso proprio coração e que está diante de vossos olhos. Ide! tereis em vossa companhia o Anjo da Piedade e as bençãos dos vossos paes. Soffrei, como se soffre a molestia ou a morte, porque quanto maior fôr o sofrimento tanto maior será em breve a vossa ventura «Para grande victoria, grande sacrificio!», como disse um general allemão, cujo nome não targo na memoria.

Sereis recompensados, porque não ha trabalho sem fructos.

A vossa familia sujeitar-se ha ás mais duras privações, mas, não vos importeis.

Quanto mais fortes vos sentirdes, mais avançareis para as

A CHRYSALLIDA

Publicação quinzenal -- Redacção: Rua 1.ª de Março 20

Preço de um numero: 300 réis.

Trimestre: 1\$500

fronteiras do futuro nas azas radiosas da sciencia

Os vossos soffrimentos não durarão muito, porque os annos passam ignorados como a mais linda rosa e o sonho maldrugador mais alegre.

Recebei com calma e em silencio o espinho do soffrimento como Tiradentes recebeu a sentença de morte. Não vos imperteis com os pensamentos de desventura, que vos assaltam o craneo. Ide! haveis de vêr em um dia ditoso os vossos olhos magoados das lagrimas do soffrimento, floridos pela alegria, no altar casto da familia.

Haveis de vêr as vossas esperanças, repousados em uma base triumphal.

Ah! meus queridos amigos!

Como foram ditosos os que soffreram neste mundo: Euripides, erudito poeta grego e Demósthènes, a papoila da immortalidade, da mysteriosa Athenas

Camões o pobre Camões também soffreu o infortunio da miseria e da morte, porque, Portugal, a sua mãe, que elle tanto queria, recusou-lhe o carinho e o alimento. E demais disse como diz Cornelio: A vaincre sans péril on triomphe gloire.

Ambrosio

Perfil

A. R. S. P.

Caros leitores, sabeis que antigamente os homens notaveis exhibiam um nome composto de 4, 10, 20 e até 30 palavras, e assim deveis abrir os olhos e erriçar as sobrancelhas para arrancardes das malhas deste perfil o nome do lyceista que, apresentando dois pares de iniciais, logo demonstra ser um descendente dos Carlovingios ou cousa que o valha.

Assim como os nobres gostavam de acompanhar os seus nomes de um *apposto* o nosso amigo que aqui se acha

escondido ou nas palavras, ou nos pontos, ou nas viruglas, possue tambem o seu T'O'TO' dando-lhe mais *emphase* a o nome.

O *perfilado* possui duas vezes a estatura do porteiro da "Bibliotheca do Centro"; é robusto e corado; e quando a cavallo apresenta-se-nos tal como aquelles possantes cavalleiros medievaes, cujas tunicas seriam empoeiradas nos torneios.

O *incognito* visto de frente é um *passado*; de perfil é *passavel* e no perfil é um *perfilado*.

O nosso colleg, tem grande inclinação ás aventuras arroçadas, porém, como os portuguezes e hespanhoes, nos seus aureos tempos, dividiram entre si os ultimos immoveis do *pae Adão* elle, influenciado pela *electricidade* dos namoros do seculo XX põe as suas armas em busca de nua herança de *Era* — os corações femininos.

Então, vem-o ao lado dos seus companheiros, com ares de *conquistador*.

No desempenho desse papel, o nosso collega tem, ás vezes, passado maus quartos de hora, tal como em um domingo de 1923 em que recebeu, ao lado da garota, uma imperiosa ordem dum rival seu.

O *bancaõr* que é muito lido, reflectindo um pouco recita á garota:

"Eu não posso com gato pelo rabo:
O meu rival tem muque como o diabol..."

Desistirei, portanto, de vencel-o.

Adeus minha querida, eu vou-me embora;

E' grande o amor que no meu peito móro,

Mas é maior o amor que tenho ao bello."

e depois retira se, com todas as honras de um *desbancado*.

Caros leitores, muito já dissemos sobre o *perfilado*, porém, precisamos ainda dizer o *Martin* que nestas columnas se esconde como uma *ema* nos campos pan-

tanosos de Matto Grosso.

O *bichão* é arisco e só pudemos prendel-o quando de uma feita, foi elle fazer uma caçada de *pacas* nos arredores da fazenda do *Gumerindo*.

A caçada foi uma pandega e causou risos... mais risos l...

Numa das manhãs de Novembro de 1924, na qual a natureza rosariense embriagava a alma humana, seguem varios caçadores á procura de um delicioso *assado*.

Um dos caçadores, talvez o mais exaltado, era o actual *perfilado*, o qual ia armado de nua *Flaubert* automatica e vinte e cinco cartuchos.

O afamado CAÇADOR, parando a 10 passos dos companheiros ao ouvir o mugido de um *uaruá*, pensá logo tratar-se de uma onça bravia e... estremece... cahe frio... grita pela mãe... e... e... !!!..

Depois de varios curativos nelle applicados pelos companheiros, o CAÇADOR volta a este pergunta o que se havia passado, notando-se que não sabia onde estava a sua espingarda.

Então o *perfilado* é informado de que na dellicula da kodak do nosso reporter estava gravada a quella scena... de medo.

Nada mais pitemos, leitores, porque assim a equação de hoje se reduzirá a uma simples egualdade.

Quem descobrirá, em primeiro lugar, qual é este *Tóto* dentro os nossos *Tóto's*?

Filante & Sicrano

Questões

Illm. Sr. Redactor Chefe d' "A Chrysallida"

Conforme prometti no u. passado, envio-lhe hoje a solução da 2a. pergunta.

O maior numero peimo foi descoberto em 4 de Outubro de 1894. E' o seguinte 2 61—1—2 315 84g 009 213 593 051.

Veja exercicio de Arithmetica Racional de Francisco Panizza. pg. 44.

Benjamin Duarte Monteiro.